



**COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DAS
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAS NO ENSINO BÁSICO**

Luana Matos do Nascimento

**“OLHA PRO CÉU MEU AMOR”
FESTA JUNINA: UMA FESTA INDÍGENA**

Rio de Janeiro
2025

Luana Matos do Nascimento

“OLHA PRO CÉU MEU AMOR”
FESTA JUNINA: UMA FESTA INDÍGENA

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação das Relações Étnico-raciais no Ensino Básico, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Relações Étnico-Raciais.

Orientadores Professor M. Vitor Abdias e Dr. Pedro Mendonça.

Rio de Janeiro
2025

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

N244 Nascimento, Luana Matos do
“Olha pro céu meu amor” : festa junina : uma festa indígena / Luana
Matos do Nascimento. - Rio de Janeiro, 2025.

22 f.

Artigo Científico apresentado como Trabalho de Conclusão de
Curso (Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no
Ensino Básico (Ererebá)) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-
Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Pedro Macedo Mendonça.

Coorientador: Vitor Abdias Cabót Germano.

1. Relações étnicos-raciais – Estudo e ensino. 2. Festas juninas. 3.
Festa do milho. 3. Cultura indígena. 4. Povos originários. 5.
Colonização. I. Mendonça, Pedro Macedo. II. Germano, Vitor Abdias
Cabót. III. Colégio Pedro II. IV. Título.

CDD 305.8

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

Luana Matos do Nascimento

“OLHA PRO CÉU MEU AMOR”
Festa Junina: uma Festa Indígena

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação das Relações Étnico-raciais no Ensino Básico, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Relações étnico-raciais.

Aprovado em: 26/05/2025.

Banca Examinadora:

Pedro Macedo Mendonça - Colégio Pedro II
Vitor Abdias Cabót Germano - Colégio Pedro II
Titulação e nome do orientador (Orientador)
Instituição a que pertence

Silvia Barros -Colégio Pedro II
Titulação e nome do segundo membro da banca
Instituição a que pertence

Maria Martinha Barbosa Mendonça – SEMED Maricá
Titulação e nome do terceiro membro da banca
Instituição a que pertence

Rio de Janeiro
2025

“OLHA PRO CÉU MEU AMOR”
FESTA JUNINA: UMA FESTA INDÍGENA

Luana Matos do Nascimento

Resumo: Este trabalho visa compreender como a Festa Junina, uma festa comum no calendário português e brasileiro, tem origens indígenas. Para tal, foi feito um recorte pela região Nordeste, mais conhecida pelas festas e um dos primeiros lugares a ser colonizado com a chegada dos portugueses. A partir da análise da Festa Junina como a Festa do Milho e suas relações com as festas da fartura de tradições indígenas, compreende-se que houve uma apropriação das festas indígenas por parte dos portugueses como uma estratégia de colonização cultural. Para tal, foi feita uma pesquisa bibliográfica e documental, entendendo a oralidade como uma fonte fundamental. Por fim, foi possível perceber que, apesar da tentativa de apagamento das origens indígenas, essas culturas seguem vivas e reivindicando o seu espaço e legitimidade.

Palavras-chave: Festa Junina; Festa do Milho; cultura indígena; povos originários; colonização.

“OLHA PRO CÉU MEU AMOR”
FIESTA JUNINA: UNA FIESTA INDÍGENA

Resumen: Este trabajo pretende entender cómo la Festa Junina, una fiesta común en el calendario portugués y brasileño, tiene orígenes indígenas. Para ello, se eligió la región Nordeste, más conocida por sus fiestas y uno de los primeros lugares colonizados con la llegada de los portugueses. A partir del análisis de la fiesta de junio como fiesta del maíz y de su relación con las fiestas de la abundancia de las tradiciones indígenas, se entiende que los portugueses se apropiaron de las fiestas indígenas como estrategia de colonización (cultural). Para ello, se realizó una investigación bibliográfica y documental, entendiendo la oralidad como fuente fundamental. Finalmente, se pudo constatar que, a pesar del intento de borrar los orígenes indígenas, estas culturas siguen vivas y reclamando su espacio y legitimidad.

Palabras clave: Fiesta Junina; Fiesta del Maíz; cultura indígena; pueblos originários; colonización.

1 INTRODUÇÃO

Quando falamos de Festa Junina no Brasil é pensado, de imediato, a região nordestina, conhecida por festejar os maiores e melhores São Joãos. E ao olharmos para um dos maiores representantes da cultura nordestina, o cantor e compositor Luiz Gonzaga (1963), nos deparamos com a nomeação de “A festa do milho” para a Festa Junina.

O sertanejo festeja/ a grande festa do milho/ Alegre igual a mamãe/ Que ver voltar o seu filho/ Em março queima o roçado/ A dezenove ele planta/ A terra já está molhada/ ligeiro o milho levanta/ Dá uma limpa em abril/ Em maio solta o pendão/ Já todo embonecado/ Prontinho para São João/ No dia de Santo Antônio/ Já tem fogueira queimando/ O milho já está maduro/ Na palha vai se assando/ No São João e São Pedro/ A festa de maior brilho/ Porque pamonha e canjica/ Completam a festa do milho

O cantor é um dos maiores exportadores da cultura nordestina, conhecido por suas músicas sobre o ciclo junino. Sobre esse momento do ano, o cantor interpreta 33 músicas, em que 19 delas são de composição própria e 14 de outros compositores. Nelas, o milho é citado em dez músicas, como elemento central das festa juninas e associado à culinária e religiosidade (Pinho; Marinho; Nascimento; 2014, p.7).

No Brasil, a Festa Junina é conhecida como uma festa de origem católica, herança da colonização portuguesa, em homenagem a Santo Antônio, São Pedro e São João. Contudo, ao pensarmos a festa católica em Portugal – conhecida como “Festa dos Santos Populares” – temos as seguintes características: a comemoração do solstício de verão, as sardinhas assadas, doces portugueses, ginjinhas¹, caldo verde, bandeirinhas, roupas frescas – por conta do calor – e distribuição de manjericos. Este último é uma forma de demonstrar amizade e desejar boa sorte. Na virada do dia 12 para o dia 13, há a marcha de Santo Antônio, momento em que grupos de danças se reúnem e se vestem a caráter para competirem pela melhor apresentação. Também tem as noivas de Santo Antônio, em que são feitos vários matrimônios.²

Em contrapartida, ao olharmos as origens da cultura brasileira vemos uma festa um tanto quanto parecida com a junina, mas pouco citada na historiografia. A festa da fartura ou festa do milho. Esta de origem indígena, em comemoração à colheita do milho e a sua fartura – ciclo narrado na canção de Luiz Gonzaga. A festa indígena é marcada pelo solstício de inverno, e por isso marca o momento da fartura. Nesse período, há registros de que os indígenas executariam rituais nos quais eles muitas vezes se reuniam em torno das fogueiras, e dançavam em círculo arrastando o pé, como forma de agradecimento pela colheita do milho, da batata doce, da

¹ Bebida feita com uma fruta parecida com cereja, denominada de ginja.

² Disponível em: <https://www.infoescola.com/cultura/festa-junina-em-portugal/>, Acesso: 09 dez. 2024.

macaxeira.³ Alimentos que marcam a festa junina brasileira desde sua origem a partir de comidas típicas como: broa, canjica, mungunzá, quentão, pé de moleque etc.⁴

A partir do exposto, refletindo sobre o que é a Festa Junina e suas características, surge o questionamento: a festa seria mesmo católica? Ela é uma homenagem ao Santo Antônio, São João Batista e São Pedro *ou*, por outro lado, uma forma da colonização portuguesa, em que a catequização levada a cabo pelos jesuítas se apropriou de uma festa dos povos originários?

Ao se comparar a festa em Portugal e no Brasil não vemos muitas semelhanças. Mas, ao fazer esta comparação com as festas da fartura indígenas, encontramos diversas características dessas culturas e tradições tão pouco valorizadas e visibilizadas no território brasileiro. Segundo João Pacheco (1998, p. 57), “as missões religiosas foram instrumentos importantes da política colonial, empreendimentos de expansão territorial e das finanças da Coroa, localizadas principalmente no sertão do São Francisco”.

Diante disso, esse trabalho tem como proposta construir novas perspectivas sobre a Festa Junina. Ao invés de pensá-la como uma festa aos santos católicos, o trabalho busca trazer o protagonismo indígena e a necessidade de a referenciar como uma festa (antes de tudo) indígena, que foi expropriada por uma cultura europeia que se pretende eixo *norteador* do que futuramente foi chamado de cultura brasileira.

Posto isso, o objetivo principal deste trabalho é discutir como houve um engendramento da cultura portuguesa em uma festa indígena, com o objetivo de assimilar e invisibilizar a cultura que dá origem ao que hoje denominamos de Brasil.

Os objetivos específicos são: *i*) promover os conhecimentos dos povos originários do Brasil, nos termos da Lei 11.645, de 10 de março de 2008⁵; *ii*) reconhecer e valorizar a Festa Junina enquanto patrimônio cultural brasileiro oriundo das populações indígenas; *iii*) analisar e refletir as influências da “herança colonial” na (re)produção do conhecimento, bem como no apagamento histórico das culturas indígenas deste território; e *iv*) repensar as festas juninas nas escolas, com o intuito de ser um momento de aprofundar as influências indígenas na cultura brasileira.

A metodologia norteadora foi a pesquisa qualitativa, por meio de uma revisão bibliográfica e análise documental. A partir dos documentos, buscou-se realizar uma

³ Disponível em: <https://www.potiguarnoticias.com.br/colunas/post/4116/a-ancestralidade-indigena-por-tras-das-festas-juninas>, Acesso: 01 nov. 2024

⁴ Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1307814/mss1307814.pdf, Acesso: 09 dez. 2024.

⁵ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm, Acesso: 26.fev.2025.

comparação entre como a festa é abordada a partir de uma perspectiva colonial e nas culturas indígena. Foi necessário levar em consideração que as culturas indígenas são, em grande parte, orais e nem sempre representadas na academia. Como levanta Leda Martins (2003, p.78), nem todas as culturas estruturam seus saberes em livros, arquivos e bibliotecas, muitas se utilizam da memória em suas práticas performáticas para este fim.

Por isso, partindo do conceito de “oralidade” de Leda Martins (2003), esse trabalho entende a performance com o mesmo valor da palavra escrita. Nesse caso, entende-se que a “oralitura” é o modo de expressão de uma cultura oral em contraposição à escrita, entendida como oficial (Nonada, 2024, p.13). Diante disso, e refletindo a partir do exposto:

[...] a palavra vocalizada ressoa como efeito de uma linguagem pulsional do corpo, inscrevendo o sujeito emissor num determinado circuito de expressão, potência e poder. Como sopro, hálito, dicção e acontecimento, a palavra proferida grafa-se na performance do corpo, lugar da sabedoria. Por isso, a palavra, índice do saber, não se petrifica num depósito ou arquivo imóvel, mas é concebida cientificamente. (Martins, 2003, p.76).

É importante observar que, nessas culturas, o coletivo se sobrepõe na oralidade como forma de resistência social e cultural ao reavivarem suas origens e histórias; formas que demarcam sua reterritorialização e evocam um saber alterno “encarnado na memória do corpo e da voz” (Martins, 2003, p.73). Como nos lembra Anderson Cleomar dos Santos (2010, p.128):

Nós, povos indígenas, preservamos e fortalecemos nossas culturas vivenciando-as em nosso dia-a-dia, por meio da oralidade ou do que José de Sousa Lopes (1999) chamou de ‘cultura acústica’, ‘a cultura que tem no ouvido, e não na vista, seu órgão de recepção e percepção por excelência’.

Diante disso, foram utilizados como bibliografias vídeos e entrevistas feitas por indígenas.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1: Nordeste: Território Indígena

Olha pro céu, meu amor
 Vê como ele está lindo
 Olha pra aquele balão multicolor
 Como no céu vai sumindo
 Foi numa noite igual a esta
 Que tu me deste o coração
 O céu estava assim, em festa
 Porque era noite de São João
 (Olha pro céu – Luiz Gonzaga)

É importante começar este capítulo compreendendo o Nordeste como território indígena, pois as festas juninas são conhecidas por serem pertencentes culturalmente a esta região. Para além, como expõe Raquel Paris (2025), o Nordeste foi a primeira região a ser colonizada. Isso significa dizer que os corpos indígenas dessa região foram responsáveis por desacelerarem “a máquina de invasão das outras regiões do Brasil” (Paris, 2025, p.3).

Me parece que quando a gente entender a história do povo indígena no Nordeste, talvez a gente entenda o Brasil. A gente sabe que o Nordeste é um território de primeiro impacto. A informação da chegada da máquina colonial de guerra na Bahia é muitas vezes tratada como pouca coisa, mas não é. É uma informação de fim de mundo. Essa máquina de guerra chega primeiro nos povos num território Pataxó, Tupinambá. Primeiro vieram os contatos de exploração, a guerra veio depois. Mas o projeto sempre foi de predação e exploração. Essa guerra vai ter muitos nomes como “guerra aos bárbaros”, mas sabemos hoje quem são os bárbaros. A narrativa é sempre que eles ganharam e nós perdemos. Mas a história é que, no momento em que eles aumentaram sua violência, nós aumentamos nossa resistência. (Paris,2025,p.3).

Atualmente, a região é segunda com maior presença indígena, com 528,8 mil de 1,7 milhões, concentrando 31,22% do total do país (IBGE, 2022). Fundamental dizer que este número não contempla parte da população que se declara parda por ter pedido a conexão com suas origens devido ao projeto colonizador e “perda” de características originárias. Segundo João Pacheco, a população indígena sempre esteve presente no Nordeste, mas como no censo não havia tal designação, eles ficavam invisibilizados.

Os povos indígenas do Nordeste sofrem discriminações pela ‘perda’ das características originárias. As lacunas deixadas por algumas pesquisas etnográficas e os silenciamentos da historiografia, em parte, também são responsáveis por situações nas quais, por vezes, éramos apresentados como ‘menos índios’. (Santos, 2020, p. 126).

Outro ponto que levou a essa invisibilidade foi a utilização de termos como: caboclos, tapuias, sertanejos utilizados pelas Ciência, História e Literatura.

A nossa diversidade de corpos, de maneiras e de jeitos é negada. Nossas habitações, como a taipa, que é ancestral, não vão ser vistas como preciosas, mas como algo fracassado. Euclides da Cunha fala na nota introdutória de ‘Os Sertões’, onde nos chama de ‘subraças sertanejas do Brasil’, que são ‘destinadas ao desaparecimento’, e nada menos que isso é reservado a nós. Somos misturados demais. Mas essa mistura aponta para uma confluência profunda com os povos indígenas afrodiáspóricos. (Paris, 2025, p.4).

O processo de apagamento também decorre do movimento de migração do povo nordestino para o Sudeste como forma de lidar com a miséria. Esse movimento foi denominado pelo pesquisador Casé Angatu de “diáspora indígena”, pois em muitos desse casos as pessoas

relatam ter origem indígena (Paris,2025,p.4). Esse processo acaba acarretando uma grande perda de identidade devido a esses migrantes irem adentrando cada vez mais a cultura sudestina, se afastando de suas origens.

A gente aprende na escola como ‘êxodo rural’. Mas quem é essa população rural que migrou? O racismo nos generaliza. Nós nos tornamos sujeitas genéricas, de um lugar incompreendido. Esse profundo racismo não permite que se produza uma arqueologia sobre quem são essas pessoas chamadas nordestinos ou paraíba, baianos. Quando essas pessoas são desalojadas e empurradas para outras regiões, elas não chegam como uma tábua em branco. Elas carregam o território com seus corpos. O maior exemplo disso? O São João. (Paris,2025,p.4)

2.2: O surgimento das Festa Juninas

No São João todo mundo se transforma em índio. E não é qualquer índio, é índio nordestino. Todo mundo vai comer milho, dançar toré. Porque a gente chama de quadrilha, mas é uma quadrilha que foi devorada pelos nossos costumes. Estamos todo tempo girando em roda, nunca vi nada parecido na Europa. A gente civilizou muito a cultura deles. O São João é o nosso Bati, nosso ano novo, quando a constelação de Orion aponta no céu. Quer dizer uma virada de ano novo, onde tudo se transforma. Coincide com a festa da colheita. É uma festa do céu, entre o céu e a terra. Por isso Luiz Gonzaga vai cantar: ‘olha pro céu meu amor, veja como ele está lindo.’ (*Idem*).

O mês de junho é o período em que os povos indígenas Kariri, Tarairiú e Tupi, comemoravam o aparecimento das Plêiades, sete estrelas da constelação de Touro. Estas ficam menos aparentes no início do ano e voltam a aparecer no meio do ano. Nesse momento, era comemorada a volta das estrelas, um período de ritos alimentares, de cura, de fartura.⁶ Abaixo segue uma foto da Plêiades.

⁶ Disponível em: <<https://anaind.org.br/noticias/festas-de-sao-joao-tem-influencia-de-tradicoes-antigas-de-indigenas-do-nordeste-entenda/>>, Acesso: 25.fev.2025.



Fonte: Reprodução UFMG. Disponível em: <https://anaind.org.br/noticias/festas-de-sao-joao-tem-influencia-de-tradicoes-antigas-de-indigenas-do-nordeste-entenda/>, Acesso: 25.fev.2025.

Em “Festas de São João: Das Origens à Atualidade”, Bruna Carvalho e Claudiene Costa [2022?] expõe que o que conhecemos hoje como “festas de São João” têm suas origens em antigas tradições dos povos egípcios a fim de comemorar o período marcado pelas colheitas.

A posterior incorporação desses rituais por parte do povo romano difundiu-se pelo continente europeu entre os diversos grupos humanos, permaneceu entre eles como hábito ritualístico, clamando a fertilidade humana e também bons resultados no que tange aos interesses dos fenômenos naturais necessários para se obter uma colheita proveitosa e com fartura, com vistas à manutenção dos seus núcleos familiares. (Carvalho; Costa; [2022?], p.74).

Ocorre que, o que antes era uma festa que seguia o calendário da natureza e comemorava o período de fartura, passa a ser apropriado a um calendário católico. Calendário que começa em dezembro, no Natal, com o nascimento de Jesus, passando pela Semana Santa até a chegada do São João que representa a antecipação da chegada de Cristo (Carvalho; Costa; [2022?]. p.76).

No Brasil, vemos um movimento parecido, como esclarece o mestre Casé Angatu Xukurú (2019)⁷. Segundo ele, a história da festa portuguesa é de quando Maria vai visitar Isabel que está grávida de João. Maria pede que ela acenda uma fogueira quando o menino nascer – a justificativa para a fogueira na festa. Seis meses depois, nasce João, no solstício de verão – que para nós é o de inverno. Como as datas batem com a da festa indígena do solstício de inverno, o cristianismo se apropria para introjetar a festa católica.

O movimento é parecido com o que ocorreu na festa egípcia, na África. Como levanta Carvalho e Costa ([2022?], p.78):

⁷ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Ya-fblanFs>, acesso 01 nov. 2024.

De fato, este é um movimento que acontece em boa parte dos lugares onde o catolicismo predomina e foi extremamente importante no processo de formação festiva desse território. Quer dizer, são regiões que receberam as influências externas e que também as transportaram para onde possuíam certo domínio político-cultural. Esse domínio, conforme visto, se deu de forma mais incisiva nos séculos XV e XVI [quando] Portugal se lançara e que se seguiram Espanha e outras nações, conduzindo ao processo de colonização de outros povos.

No Brasil, antes da Festa Junina, os povos indígenas já tinham suas próprias festas em comemoração a fartura, porque em março é a plantação e em junho a colheita. Eles dançavam em torno da fogueira. Por isso, podemos dizer que o dançar em torno da fogueira, o rastapé, comer mandioca, batata, milho, amendoim, beber quentão são características mais próximas das festas indígenas.⁸

Como levanta Pinho, Marinho e Nascimento (2014, p.12),

O fogo tem uma conotação muito ampla, para além do seu sentido religioso, adaptado pela igreja católica para as festas em homenagem a São João. Ele reúne significados que celebram a vida, a prosperidade, a abundância, a colheita, o matrimônio e o compadrio (em volta da fogueira eram feitos os rituais de compadrio e casamento).

Cleomar dos Santos (2020, p. 106), no tópico “Festas de padroeiros e padroeiras” de sua dissertação, nos mostra como a colonização portuguesa se apropriou da relação indígena com a natureza para introduzir a fé católica.

As observações e estudos desses padres sobre os povos desta região fizeram com que eles realizassem um ‘plano’ de conquista que teve como base a crença dos indígenas na força da natureza. Eles perceberam que a ligação desses povos com a força encantada também era a base da organização social das nações e, sabendo disto, usaram-na a seu favor. O enredo das histórias do aparecimento de cada igreja dentro desses territórios é o mesmo, o que muda são os personagens, a localização territorial (o povo) e o santo ou santa padroeiro(a).

O pesquisador também argumenta que os indígenas entendem que há muitos mistérios no mundo espiritual e, por isso, se abriram a novas concepções. Disso surgiu um cristianismo diferente no qual os indígenas dialogam com suas cosmologias, ocasionando a situação de que em diversas destas comunidades há igrejas.⁹

Santos (2020) em um dos seus exemplos cita a Igreja de Santo Antônio, a mais antiga da comunidade de Pankararu, localizada na aldeia Brejo dos Padres. Seu novenário é um dos

⁸ *Idem.*

⁹ O artigo foca na construção das festas de colheitas indígenas como cooptadas pelas festas aos Santos Católicos, por isso, não destrincha toda a violência que ocorreu no processo de colonização. Mas, fato é que esse processo se deu a partir de muita violência, estupro e doenças que foram diminuindo as populações indígenas habitantes do Brasil. Não foi um projeto pacificador, ou somente, cultural. Para saber mais: Anderson Cleomar dos Santos (2020).

eventos católicos mais famosos entre a comunidade. O mesmo autor também menciona a Igreja de São João, cujo novenário ocorreu antes mesmo de sua criação.

Diante disso, podemos inferir que o processo de colonização se apropriou da abertura dos indígenas e das festas já existentes de agradecimento pela fartura e colheita para inserir o calendário católico religioso. A questão é que uma festa antes de cultura local se tornou uma festa religiosa, constituindo um apagamento de suas origens.

Aprofundando ainda mais, o mestre Casé levanta que há um contínuo apagamento da cultura indígena para nos fazer pensar que eles e suas culturas não existem mais. Além de significar o apagamento dessas culturas, significa a dizimação de um povo, pois, se sua cultura não existe, eles não existem. São ainda menos vistos.

Segundo Casé, isso ocorre porque o direito originário à terra precede o da propriedade privada; se não existem, não podem lutar pelos seus direitos. Nesse sentido, levanta Carvalho e Costa ([2022?], p.76):

Um dos principais traços de mudança de caráter universal experimentado pelas festas de São João foram as investidas da igreja católica em dessacralizar os rituais e cultos dedicados à natureza, com forte enraizamento nas culturas populares da época. Diante da dificuldade de torná-las proibidas, a alternativa, então, foi incorporar elementos católicos nas festividades realizadas no mês de junho em todos os lugares por onde a igreja católica exercia poder.

Mas ainda assim, podemos ver similaridades com as festas indígenas. Podemos, então, defender e relembrar que a festa junina é antes uma festa indígena: “[P]ercebe-se dentro do horizonte junino que os elementos naturais (sol, fogo, lua), os interesses, os desejos e necessidades, as tradições (acender fogueiras, por exemplo) ainda permanecem.” (Carvalho; Costa [2022?], p.77).

2.3: A importância do milho para algumas comunidades indígenas do Brasil

Dona Chiquinha
Bote o milho pra pilar
Pro angu, pra canjiquinha
Pro xerém, pro munguzá
(Penerô Xerém – Luiz
Gonzaga)

Se esse artigo começa a com a música de Luiz Gonzaga sobre a festa do milho, a revisão bibliográfica possibilitou o acesso a um canto indígena que demonstra como o milho é fundamental para a cultura do povo Krahô, localizada no Tocantins, próximo ao Maranhão. Conforme se vê no seguinte canto:

nê wa ma puru jĩkjê mã
 copore pynê to
 nê wa ma jarô hô hô
 nê wa puru jĩkjê mã
 copore pynê to
 nê wa ma jarô hô hô
 prôtôtô kwỳ hàre
 prôtôtô kwỳ hàre he he
 nê wa ma puru jĩkjê mã
 copore pynê to
 nê wa ma jarô hô hô

A tradução do canto é:

Para o outro lado da roça
 Eu vou segurando o copo e agachado eu vou
 Para o outro lado da roça
 Eu vou segurando o copo e agachado eu vou
 Envergado, caminhando e cavando
 Envergado, caminhando e cavando
 Para o outro lado da roça
 Eu vou segurando o copo e agachado eu vou

Este é um canto ensinado pelo velho Tejapôc com o objetivo de manter e ensinar o cultivo do milho para as gerações futuras da comunidade.

Guardamos também a lembrança da forte presença de Olegário Tejapôc na condução de importantes rituais. Foi dele que surgiu a demanda para que nós apoiássemos a elaboração de um projeto de registro e documentação da festa de colheita do milho, o Pôhype, que há muito não vinha sendo celebrada nas aldeias. Na época, Tejapôc era o único que ainda sabia realizar essa festa e, por isso mesmo, ele insistia que era preciso semeá-la entre os mais jovens, ensiná-los como guardá-la e multiplicá-la. (Lima, A; Krahô, C; Aldé, V; 2020, p.2)

Tejapôc também nos fala que foi com a chegada de Caxêkwj, “a Estrela-mulher que veio do céu e se casou com um jovem mênhi” que começou a alimentação com base nas plantas do Cerrado. A partir de sua chegada, a base alimentar passou a ser também mandioca, batata doce, amendoim, fava e o milho. Esta é a base alimentar dos povos originários da América, comidas típicas do Nordeste e das festas juninas.

Antes de voltar para o céu, Caxêkwj trouxe ainda a mandioca, a batata-doce, a fava, o amendoim, dentre outras plantas cultivadas, ensinando-lhes as técnicas de plantio. Olegário Tejapôc nos conta que seus antepassados se banhavam nas sementes coloridas do milho sem saber que eram comestíveis. Caxêkwj lhes mostrou a grande árvore de milho e ensinou-lhes as técnicas de cultivo e de preparação do paparuto de milho. Foi ela quem mostrou que se

tratava de “alimento bom”, comida de “gente”. (Lima, A; Krahô, C; Aldé, V;. p.6).

Na festa do milho, o mestre do ritual lidera as canções e tem os cantos da boca pintados de preto, para afastar os espíritos mortos e os seres do Cerrado. Junto ao mestre do ritual tem duas cantoras e, seguindo o ritmo do canto, outros homens dançam em sentido anti-horário ao redor das toras de milho. Lima, Krahô e Aldé (2020) explicam que o ritual do milho na comunidade Krahô demonstra como as ações de cantar, correr e compartilhar alimentos são imprescindíveis para o bem viver da comunidade.

Apesar de estarmos falando da importância do milho para uma comunidade específica, podemos ver também como seu plantio se espalhou para outros lugares.

Um importante evento narrado nesse mito se refere à derrubada da grande árvore de milho. Como também nos conta Olegário Tejapôc, os mênhi convidaram outros povos parentes para participarem da derrubada da árvore do milho que, quando tombou no chão, espalhou as diversas variedades que continha em si. Cada povo pegou uma variedade e seguiu seu caminho. Este evento, que também está presente nas versões do mito de origem da agricultura de outros povos Jê, ressalta como a diversidade do milho está ligada à diferenciação linguística e cultural desses povos (Lima; Krahô; Aldé; 2020, p.6)).

Ao mapeamos a História do milho, nos deparamos com a importância histórica do cereal para povos Andes. Ele já era reverenciado pelos povos Incas e Maia. Nessas culturas, o milho também era objeto de rituais sagrados sendo ofertado aos Deuses e representando a fertilidade. As autoras Melchior e Sulis (2020) contam que o cereal era visto, pela cultura europeia, como causador de doenças. Com a colonização, passou a ser utilizado em períodos de crise de abastecimento. Já para as culturas afro-indígenas, o milho era – na verdade, é – símbolo da cura dos males da pele e um protetor dos corpos negros e indígenas, visto de mágica e poética.

Nesse sentido, podemos mostrar que a cultura indígena e africana resistira à um ponto em que o principal alimento da festa não é trigo, cujo valor simbólico esteve associado ao cristianismo, mas sim, um alimento que na visão europeia é visto como menor, e que segue sendo a base da cultura alimentar brasileira: o milho. Assim, é possível trazer uma simbologia a este cereal: a da resistência.



Bori Performance-Art, de Ayrson Heráclito, 2009. A obra retrata a busca da “comunhão entre os corpos físicos e espirituais” – Foto: Reprodução. Fonte: <https://jornal.usp.br/ciencias/milho-e-alimento-de-resistencia-e-sacralidade-nas-culturas-afro-indigenas-do-pais/>

Em relação as músicas de Luiz Gonzaga, Fabio Pinho, Andrea Marinho e Francisco Nascimento (2014) verificam que o milho é abordado tanto no processo de plantio e colheita como também a devoção e pedido por uma boa safra. Por exemplo, na música São João do Carnerinho: “Eu prantei meu mio todo no dia de São José. Se me ajuda a providença, vamos ter mio a grané. Vô colhê pelos meu cálculo vinte espiga em cada pé. Pelos cálculo vô colhê vinte espiga em cada pé (...)”

Nesse sentido, temos Hugo Menezes expondo sobre como o milho tem centralidade na festa junina o que corrobora com a importância da herança indígena na festa, ainda mais por significar fartura.

Apesar das armadilhas conceituais e analíticas provenientes da classificação do milho como comida de festa, é inegável a sua posição de centralidade simbólica frente a outros símbolos do ciclo junino. Nesta perspectiva, entendo que o milho ocupa tal posicionamento, sobretudo, por representar e entremear o que chamarei aqui de sentidos primordiais das festas juninas: fertilidade, fé, abundância e coletividade. (Menezes Neto, 2007, p.5).

Diante disso, temos dois pontos que merecem destaque: *(i)* as festas juninas têm origem na África com as festas em comemoração à colheita e *(ii)* no Brasil, essa origem se dá a partir da cultura indígena que segue viva na festa, ao comemarmos não só o plantio do milho, mas tudo que este representa: fartura, fertilidade e prosperidade, que partem de uma perspectiva indígena e não eurocêntrica.

Sendo assim, por que continuar a dizer que a Festa Junina tem origem portuguesa quando podemos ver que esse discurso é fruto de um projeto colonizador. Por que não assumir a festa de acordo com suas riquíssimas origens? Por que não celebrar como uma resistência da cultura indígena?

2.4: Um novo olhar sobre as Festas Juninas nas escolas

Santos (2020, p.116) em sua pesquisa fez o seguinte relato:

Ao entrarmos na creche, no espaço que estava decorado para a festa em comemoração ao ‘Dia do Índio’, a música que tocava era ‘Vamos brincar de índio’, da Xuxa. Uma apresentação de professoras e crianças fantasiadas de indígenas norte-americanos acontecia no palco. As fantasias das crianças e professores dialogavam com a decoração do espaço com tendas e imagens dos indígenas norte americanos. Enquanto nos preparávamos para a apresentação, uma funcionária da creche chega até nós e diz que não será necessário realizarmos a intervenção. Acreditamos que tal decisão partiu de um pensamento racista e preconceituoso, visto que demonstraram, nitidamente, a frustração por não correspondermos ao fenótipo do indígena que a equipe tinha em mente.

O olhar eurocêntrico (ainda presentes nos brasileiros) enxerga os indígenas como povos sem cultura e sem conhecimento por muitas vezes terem uma posição contra-colonial (Nego Bispo, 2023¹⁰). Por outro lado, os que se formam, frequentam espaços urbanos e foram miscigenados são vistos como não-indígenas, tendo suas origens e cultura negadas.

Hoje, mesmo com a vigência da Lei 11.645/08, que torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena, muitas escolas ainda abordam a temática em conteúdos como o “Descobrimento do Brasil” e “Dia do Índio”. Duas denominações errôneas, porque *i*) a nomeação por “descobrimento” deriva de uma visão etnocêntrica, pois já havia populações no Brasil antes da chegada dos portugueses; e *ii*) o termo “Índio” origina-se dos portugueses acharem que haviam chegado nas Índias.

Como este trabalho visa a implementação dessa lei, ele propõe o seguinte questionamento: Por que ao invés de se celebrar o São João, não celebramos a colheita e os povos originários?

Levando-se em consideração que as escolas podem ser espaços de desconstrução de estereótipos e preconceitos, podemos não somente ressignificar uma festa que foi apropriada por uma cultura branca e europeia, mas trazer uma percepção mais realista dos povos indígenas. Além de reforçar a ideia de que eles continuam presentes na sociedade e influenciando nossos

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=01funxbYd4s>, Acesso: 09.Abr.2025.

costumes. Até porque a escola é, provavelmente, o primeiro lugar onde as crianças têm contato com a festa.

A partir disso, é possível repensar a forma como é visto o calendário escolar. Com a proximidade das férias, a festa pode ser entendida como a colheita de tudo que foi plantado até então – em termos de conteúdo –, abrindo espaço para o período de descanso.¹¹ Nesse sentido, também podemos trazer uma nova abordagem ao calendário anual, ao invés de pensá-lo de forma linear, é possível trazê-lo de forma circular, cíclica, como é constituída a marcação de tempo indígena.¹²

Possíveis formas de colocar esse projeto em prática é trazendo a relação das comidas indígenas com a natureza, os rituais de comemoração da colheita e a definição de festa junina como esse momento de alegria pela colheita. A partir disso, pensar a relevância do milho na nossa alimentação, as diversas comidas que o utilizam como base e a ligação com a cultura indígena. Aqui abre espaço, inclusive, para expor a importância e encantamento que ele tem para rituais religiosos como os afro-brasileiros.

Dialogando, ainda, com problemas atuais, é possível pensar a relação do homem com a natureza, de forma a mostrar a necessidade de se respeitar a natureza, o seu tempo, ao invés de um consumo desenfreado. Outra fonte que pode ser explorada nesse sentido é o itã “*Oxóssi desobedece a Obatalá e não consegue mais caçar*”, que ensina sobre a problemática dos desperdícios e a responsabilidade do caçador.

Também é possível mostrar a relação dos símbolos com as comunidades indígenas, como a fogueira, o milho e o dançar em volta da fogueira. Além desses, a presença das bandas cabaçais que utilizam os pifes e os zambumbas e marcam presença nas festas de São João do interior nordestino.¹³

Mais especificamente em relação à disciplina de História, o professor pode expor as estratégias utilizadas no processo de colonização, como a entrada das igrejas nos territórios indígenas associando a Festa da Colheita à Festa Junina. Para isso, é possível acessar vídeos e publicações de indígenas na internet a fim de mostrar suas próprias narrativas. Um exemplo

¹¹ Essa percepção da festa foi uma sugestão feita pela Prof. Silva Barros presente na banca.

¹² Para saber mais: <https://xapuri.info/o-calendario-indigena-kalapalo/> e <https://www.wwf.org.br/?50065/Etnoconhecimento-WWF-Brasil-lana-cartilha-escrita-em-parceria-com-indigenas-Kaxinawa>, Acesso 22.mai.2025

¹³ Disponível em: <https://anaind.org.br/noticias/festas-de-sao-joao-tem-influencia-de-tradicoes-antigas-de-indigenas-do-nordeste-entenda/>, Acesso: 26.fev.2025.

Para saber mais: SANTOS, ANDESON CLEOMAR, As bandas de pífano Pankararu uma etnografia dos festejos do padroeiro Santo Antônio. Anais ANPPOM.

desses é o vídeo, no *Instagram* @pankararu.video, sobre a novena de Santo Antônio (que abre o calendário junino).¹⁴

Por fim, também é possível incorporar brincadeiras indígenas, como a “colheita”. Nela, a criança senta agarrada em um poste e as outras crianças vão se agarrando uma nas outras em fileira. Cada uma vai representar uma cuia (um fruto). Outra criança, de fora dessa fileira, tem a tarefa de colher cada uma das cuias/crianças.¹⁵

Considerações finais

É importante dizer que este é um trabalho inicial sobre a temática, sendo necessário ainda investigar com mais afinco a relação entre as Festas Juninas a partir das etnias indígenas. Atualmente, segundo o Censo de 2022, são 305 etnias indígenas no Brasil e segundo a Associação Nacional de Ação Indigenista (ANAI), cerca de 100 etnias se encontram apenas no Nordeste.

Além diversidade discorrido no texto, também é preciso considerar o Nordeste como uma região culturalmente heterogênea, constituída por nove estados, cada um com sua própria singularidade – diversidade que se amplia ao pensarmos as comunidades indígenas.¹⁶ A própria ANAI ressalta que há registro dos povos Kariri, Tarairiú e Tupi comemorando a colheita do milho com suas particularidades,¹⁷ como também existe a festividade na região pelo povo Krahô, conforme estudamos, e registro de festas similares nas comunidades Guarani-Kaiowá (MS)¹⁸ e da América do Sul.¹⁹

Diante disso, é importante dizer que apesar da festa junina ser retrata como parte da cultura regional do Nordeste e milho como comida regional, a importância desses extrapolam a barreira regional e nacional. O milho é importante para diversas culturas originárias, para além das fronteiras do território brasileiro, assim como a Festa Junina, é antes de tudo, uma Festa da Colheita, também presente em diversas culturas.

¹⁴ Disponível em <https://www.instagram.com/reel/C7uStOKOFjm/?igsh=Y3RveHhmb3RhM2R5>, Acesso 25.fev.2025.

¹⁵ Para saber mais: <https://www.instagram.com/p/DJB1i5jvYy8/>, Acesso: 22.mai.2025.

¹⁶ Disponível em: [https://anaind.org.br/povos-indigenas/#:~:text=Com%20tudo%20isso%20temos%20hoje,cerca%20de%20300%20mil%20ind%C3%ADgenas!](https://anaind.org.br/povos-indigenas/#:~:text=Com%20tudo%20isso%20temos%20hoje,cerca%20de%20300%20mil%20ind%C3%ADgenas!,), Acesso: 25.fev.2025.

¹⁷ Disponível em: <https://anaind.org.br/noticias/festas-de-sao-joao-tem-influencia-de-tradicoes-antigas-de-indigenas-do-nordeste-entenda/>, Acesso: 26.fev.2025.

¹⁸ Disponível em: <https://www.potiguarnoticias.com.br/colunas/post/4116/a-ancestralidade-indigena-por-tras-das-festas-juninas>, Acesso: 09.abr.2025.

¹⁹ Disponível em: <https://www2.uepg.br/nuntiare/festa-junina-brasileira-tem-influencia-dos-povos-indigenas-da-america-do-sul/>, Acesso: 09.abr.2025.

Mostrar essa diversidade atualmente é papel da escola, com a finalidade de romper com estereótipos e preconceitos quanto o que significa ser indígena e, principalmente, mostrar que muito longe desses povos estarem extintos, eles permanecem vivos, resistindo e presentes em pontos cruciais da cultura brasileira, em uma festa tão comum da nossa cultura. Assim, em junho, com música e comida boa, podemos olhar para o céu – com outros olhos...

REFERÊNCIAS

ALDÉ, Veronica; PRUMKWYJ, Creuza; LIMA, Ana Gabriela. As festas do milho krahô: cantando sementes e semeando cantos. **Anuário antropológico**. 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aa/6573>, Acesso: 01 nov. 2024.

BARROSO, Hayeska. “**Dança Joaquim com Zabé, Luiz com Iaiá, dança Janjão com Raqué e eu com sinhá**”: a espetacularização da festa e o caráter performativo do gênero nos festejos juninos. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades. Programa de pós-graduação em Sociologia. Fortaleza, 2019.

CARVALHO, Bruna; COSTA, Claudine. **Festas de São João**: Das origens à Atualidade. In: Festividades, Culturas e Comunidades, [2022?]. Disponível em: <https://ebooks.uminho.pt/index.php/uminho/catalog/view/73/147/1876-1>, Acesso: 26.fev.2025.

FUNAI. **Dados do Censo 2022 revelam que o Brasil tem 1,7 milhão de indígenas**. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2023/dados-do-censo-2022-revelam-que-o-brasil-tem-1-7-milhao-de-indigenas#:~:text=O%20levantamento%20aponta%20que%20a,83%25%20do%20total%20de%20habitantes>. Acesso: 08.abr.2025.

GONZAGA, Luiz. **A festa do milho**. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/43cLuky3yURQW5UJFCFANm>, Acesso: 01 nov. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **População rural e urbana Indígenas no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <http://indigenas.ibge.gov.br/graficos-e-tabelas-2.html>.

LAROCA, Valéria. Festa junina brasileira tem influência dos povos indígenas da América do Sul. Revista nuntiare. Disponível em: <https://www2.uepg.br/nuntiare/festa-junina-brasileira-tem-influencia-dos-povos-indigenas-da-america-do-sul/> Acesso: 17 out. 2024.

MARTINS, Leda. **Performances da oralitura**: corpo, lugar da memória. *Letras*, (26), 63–81. 2003.

MELCHIOR, M.; SULIS, M. (2020). Grãos sacralizados: notas sobre a difusão popular do milho a partir do seu uso simbólico em rituais religiosos. **Revista Ingesta**, 2(1), 118-136. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revistaingesta/article/view/167218>, Acesso: 22.maio.2025.

MENEZES NETO, Hugo. **O mito de São João**: algumas reflexões. Recife: UFPE, PPGA, 2007.

OLIVEIRA, Fábio. **A ancestralidade indígena por trás das festas juninas**. Potiguar Notícia [web site]. Disponível em: <https://www.potiguarnoticias.com.br/colunas/post/4116/a-ancestralidade-indigena-por-tras-das-festas-juninas>, acesso: 01 nov. 2024.

OS GUARDIÕES do milho.... Disponível em: <https://historiaeculturaguarani.org/os-guardioes-do-milho/>, Acesso: 01 nov. 2024.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **Os primeiros brasileiros**. Museu Nacional do Índio, 1998.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **Pardos, mestiços ou caboclos**: os índios nos censos nacionais no Brasil. (1872-1980). Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 3, n. 6, p. 61-84, out. 1997. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71831997000200004>.

PARIS, Raquel. Entender a história dos povos indígenas no Nordeste para compreender o Brasil. In: **Rede Cajueira**. 2025. Disponível em: <https://redecajueira.com.br/entender-a-historia-dos-povos-indigenas-no-nordeste-para-compreender-o-brasil-%E2%9C%8A%F0%9F%8F%BD/>, Acesso: 26.fev.2025.

PINHO, Fábio; MARINHO, Andrea; NASCIMENTO, Francisco. A organização do conhecimento nas letras das músicas de Luiz Gonzaga: uma análise temática do ciclo junino. In: **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v.7, n.1, jan./jun. 2014.

SANTOS, Andeson Cleomar Dos. **Sons, torés e toantes da Corrida do Imbu**: afirmação e reafirmação do ser indígena Pankararu. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Escola de Música, Salvador, 2020.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meus pais. Sem eles não seria filha de nordestinos, bisneta da indígena Mãe Benta o que me levou a trilhar (e me leva a seguir trilhando) o caminho dessa pesquisa. Agradeço ainda mais a minha mãe, Elizane Freire Matos, que sempre me apoiou e demonstrou seu orgulho por mim. Agradeço meu irmão, Luan Jonathan Matos do Nascimento, e meu companheiro, Patrick Saar, que estão sempre me apoiando e trocando sobre esse assunto. Esse trabalho é principalmente pelos que vieram antes de mim. Agradeço a Rebeca Menezes, indígena Kariri, que conheci quando morei em Campina Grande e foi a primeira pessoa a me dizer que o São João era uma festa de raízes indígenas. É engraçado, mas naquele dia após aquela conversa, eu sabia que algo de bom iria acontecer e agora entendo o porquê daquele sentimento. Por fim, agradeço a todo corpo docente e discente do Ererebá e, principalmente, aos meus orientadores Pedro Mendonça e Vitor Germano, que acreditaram e impulsionaram

essa pesquisa. Vocês me ensinaram e mostraram na prática que educação se dá com afeto e pode – deve – fazer a diferença.